
O CINEMA E A SOCIEDADE: UM CASO DE AMOR

CINEMA AND SOCIETY: A LOVE AFFAIR

Sheila Peil Martins
Graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
sheilapmartins@gmail.com

RESUMO: Desde o início de seu desenvolvimento o cinema se mostrou importante na formação do espaço urbano das grandes cidades. O cinema penetrou na sociedade de modo a ditar os hábitos e costumes a serem seguidos, onde a população aproveitava para se divertir, passear e confraternizar. Em Porto Alegre centraram-se, inicialmente, na Rua da Praia. Assim, ia-se ao centro como um evento especial, todos queriam participar do famoso footing da Rua da Praia. Desse modo, as majestosas salas de cinemas de calçada se tornaram importantes espaços de lazer e encontro da sociedade porto-alegrense. Com efeito, toma-se como objeto deste trabalho os cinemas da cidade de Porto Alegre como um espaço de sociabilidade, focando-se nos nas décadas de 1940 e 1950, anos auge do cinema na cidade. Nesta pesquisa pode-se observar que nestes anos desenvolveu-se também o CineClube de Porto Alegre, mostrando a relevância da sétima arte para a vida social e cultural. Para que realizar esta análise foi necessária a seleção de uma bibliografia, como também uma pesquisa de campo.

PALAVRAS-CHAVES: Cinema. Porto Alegre. Sociabilidade

ABSTRACT: Since the beginning of its development the film proved important in the formation of urban space in big cities. The film entered the society in order to dictate the habits and customs to be followed, where the population took advantage to have fun, hang out and socialize. In Porto Alegre focused, initially, on Rua da Praia. So if going to the center as a special event, everyone wanted to participate in the famous Rua da Praia footing. Thus, the majestic movie theaters sidewalk became important recreational spaces and meeting the Porto Alegre society. Indeed, it is taken as the object of this work the theaters of the city of Porto Alegre as a space of sociality, focusing on the 1940s e1950, the peak years of cinema in the city. In this research may be noted that in recent years has also developed Cine Club of Porto Alegre, which shows the relevance of the seventh art for social and cultural life of the state's population. So that we could perform this analysis was necessary to select a bibliography, where our methodological tools were the journals that have endorsed the desired goals.

KEYWORDS: Film. Porto Alegre. Sociability

“O cinema nasce em 1895. A imagem a movimentar-se na tela é simbólica daquele final de século: a indústria joga novos produtos no mercado, agora pelo sistema de produção em série. A máquina a vapor permitira acelerar outro movimento: o de trens e navios. Ao longo das ferrovias, vista das janelas, a paisagem passa rápido, quase fora de foco. O mundo move. O homem, eterno criador de imagens, precisa incorporar esta nova estética.”

Susana Gastal

A capital do estado mais ao sul do país, Porto Alegre, é vista segundo o escritor Moacyr Scliar, como uma cidade misteriosa. Mas não de mistérios sinistros, e sim mistérios encantadores. Este escritor gaúcho percebe e escreve sobre “A beleza misteriosa de Porto Alegre. Esta não é uma cidade que se desvenda de súbito ao visitante, que se revela numa pujante beleza natural, como Rio ou Salvador. Porto Alegre a gente tem que descobrir aos poucos; é uma metrópole, sim, mas uma metrópole provinciana, tímida.” (Scliar in Bissón, 1993, p.15), com muitos cantinhos especiais que propiciam interações sociais, como as ruas, os cafés, os cinemas, entre outros. Muito ainda da capital gaúcha encontra-se no imaginário da população, nas suas histórias da adolescência.

Porto Alegre iniciou seu núcleo urbano desde quando ainda era uma vila açoriana com a construção de Igreja, Palácio da Presidência, armazéns,... Depois da independência do Brasil uma nova identidade é formada, as províncias brasileiras recebem grande impulso de desenvolvimento. Quando iniciou o século XX Porto Alegre já era uma cidade que crescia e se tornava industrializada. Passando por diversas administrações políticas todas centradas em obras de remodelação da cidade. “Em termos de reordenamento do espaço urbano, a grande questão era como equiparar Porto Alegre aos maiores centros, o que implicava em verdadeiras “cirurgias” que redesenhavam a cidade em termos de uma modernidade.” (Pesavento, 1991, p.71). Assim, buscamos conhecer mais esses encantos e “histórias” de nossa capital. Lembrando ainda Scliar, dizendo que quem deseja descobrir esta cidade deve iniciar seu passeio pela famosa Rua da Praia, onde se concentrava o lazer e entretenimento, e também onde surgiram os primeiros cinemas. Esta se tornou a principal rua, sendo a vitrine da prosperidade que vinha com a urbanização.

Assim, com novas mudanças e melhorias estruturais vai-se caminhando a modernidade. O que envolve ideias, divergências, verbas e principalmente interesses. Desse modo, urbanismo e modernidade podem ser entendidos como representações dos interesses coletivos. As classes dominantes atuavam sobre a cidade e exigiam novos espaços urbanos, que formassem o território da modernidade e da burguesia.

Esta pesquisa tem como eixo central o estudo do cinema e a sua relação com a sociedade, lembrando que, destacamos aqui o cinema não apenas os filmes, mas todo o sistema que circunda sua existência. O cinema é apresentado por muitos autores como um

importante formador da identidade cultural de uma cidade, principalmente na nossa atualidade onde vivemos a predominância da imagem, o cinema é hoje, umas das linguagens mais populares do mundo.

Desse modo, será analisado o cinema como um agente de sociabilidade, de transformação dos hábitos sócio-culturais da cidade de Porto Alegre, já que o cinema substituiu outros espaços de lazer. O cinema apareceu como uma nova tecnologia de “percepção, reprodução e representação e se tornaria uma mercadoria cultural de produção e consumo de massa” (Trusz, 2010, p. 19), se tornando um espaço de congregação social no meio público. Além disso, ainda é um elemento secundário no estudo sobre a sociedade, fazendo parte da memória cultural de uma cidade.

Buscamos assim, a observação da vida urbana e citadina. Assim, o cinema como um espaço de lazer é visto como um recorte empírico onde nos é possível observar vários pontos de vista desta vida urbana e sua sociabilidade, onde o cinema surge como um espaço privilegiado de interação e circulação da vida cotidiana, na medida em que foi uma diversão que conseguia reunir distintas classes sociais nos distintos espaços de lazer.

A complexidade e mistérios das grandes cidades mais o desenvolvimento do capitalismo e da Revolução Industrial criam novas visões de mundo e mudanças na vida cotidiana. Além disso, desenvolveu-se também, uma revolução científica e tecnológica, com a qual o indivíduo passou a ter mais tempo livre para seu lazer e ainda renovar as variedades de ocupação deste tempo.

Além disso, a formação do Estado Moderno estabeleceram novos comportamentos socioculturais, novos valores e novas formas de disciplinamento. Desse modo, como nos explica Gilberto Velho, a cidade manifesta-se assim, como o “lócus” dessas transformações, sendo a produtora de novas formas de interação social. As inovações tecnológicas trazem melhorias sociais, causando diversas modificações estruturais como: o aumento da população, fomento a correntes migratórias, novas divisões de trabalho, novas regras sociais, enfim geram um processo de modernização. No qual, as cidades se apresentavam como o ponto de conexão desta rede, aproximando as mais distintas sociedades. Onde a interação social entre os diversos atores em um espaço social é um traço essencial do estilo de vida urbano moderno.

Vivia-se uma influência das ideias modernas, com forte empenho em superar o passado colonial, ligado ao atraso, e assim criar uma nova era. Uma nova cultura vinha surgindo ligada às novas tecnologias; assim como novos espaços de sociabilidade, como os cafés, cinemas, bares e restaurantes.

Uma “fúria de embelezamento” foi iniciada em Porto Alegre; novas ruas, conforto, jardins, água, luz, uma remodelação do visual da capital gaúcha, que trazia consigo inovação nos hábitos dos porto-alegrenses. E era no Centro que a cidade, definitivamente, “centralizava” os equipamentos revelando a dinamização de uma cultura urbana.

Assim, a ideia de cultura urbana deve ser entendida dentro deste contexto, como sendo representações¹ de uma sociedade. Ou seja, as alterações físicas atendem às necessidades urbanas e do capital, mas também estão associadas a um imaginário produzido por esta modernidade. Ser moderno exige esta predisposição a mudanças das coisas ao nosso redor, mas dentro de uma cultura internacional.

A cidade tornava-se metrópole, abrigando uma nova burguesia e uma classe trabalhadora que ansiavam também por novas formas de entretenimento. Porto Alegre dos anos 40 era a “Belle Èpoque”, com a bela Praça da Alfândega e seus belos e aconchegantes cafés, onde as pessoas tinham um lugar tranquilo para tomar seu chá das cinco, com saborosas tortas, ou até mesmo assistir a shows de tango, e se divertir com amigos. Havia ainda lindos sobrados, belas iluminações com lampiões de ferro batido.

A sociabilidade em Porto Alegre

A cidade de Porto Alegre iniciou seu desenvolvimento cultural e comercial na sua principal rua, a Rua da Praia, formando um núcleo central, e cenário próprio para essa cidade que vinha se modernizando, aprimorando as suas ofertas de lazer para os diferentes grupos sociais existentes na cidade, como também, melhorias estéticas na cidade. Essas melhorias já serviriam como um modo de pedagogia social de hábitos da burguesia.

¹ Representações – conceito essencial para estudos da cultura, onde representante e representado mantêm relação de aproximação e distância. Homens elaboram ideias sobre o real, se traduzindo em imagens. “Com isso, a representação é um conceito que se caracteriza por sua ambigüidade, de ser e não ser a coisa representada [...]”. (Pesavento, 2008, p. 13 – grifos da autora).

É a Rua da Praia que aparece sempre como um núcleo simbólico, até mesmo nas crônicas sobre Porto Alegre, quase todas as memórias dos escritores gaúchos são narradas sobre fatos que ocorreram no centro da cidade e nos seus espaços de sociabilidade. Era a Rua da Praia com suas ruas adjacentes. “A rua é um local de passagem, sem dúvida, mas também de encontro e de troca. É um espaço de prazer e uma vitrine imensa e viva, que se contrapõe aos objetos imóveis das vitrines das lojas.” (Pesavento, 1996, p.94).

Tendo por referência a cultura atual, poderíamos dizer que aquela Rua da Praia e suas “franjas” formavam uma espécie de “shopping” à céu aberto, com suas entradas, posturas, indumentárias e até neons. Na verdade, os centros contemporâneos de consumo, os shoppings das grandes cidades brasileiras, por exemplo, se apresentam como uma tentativa de resguardar aquela estética, uma forma moderna do acontecer urbano que mistura comércio e encontro social, essência das socialidades modernas. (Maroneze, 2007, p. 118).

Porto Alegre tornava-se umas das capitais do Brasil com o maior número de praças, parques e outros diversos espaços disponíveis ao lazer de todos que visitassem a cidade. Assim, passaram constituir-se parte da vida da cidade, qualificando a vida da população, possibilitando novas relações interpessoais.

Ruas, cinema, confeitarias e o footing, possibilitavam uma tarde de domingo com o lazer moderno, propiciando. O sentido do termo sociabilidade utilizado nesta pesquisa associa-se ao desenvolvido pelo filósofo Georg Simmel, o qual a define como componente complementar da vida pública, sendo uma prática social, relacionada ao prazer do contato com o outro.

Percebe esta interação como uma “forma pura”, natural, de interação social, estando livre da dependência entre as pessoas. Ou seja, ela não possui um fim determinado, está ligada ao entretenimento, porém não reduzida apenas ao lúdico, ajudando na análise das dinâmicas das interações sociais e as contraditórias regras e padrões culturais, e assim das formações culturais. Assim, as sociabilidades acompanhavam o desenvolvimento das cidades.

As famílias passaram a criar o hábito de ir ao cinema, os filmes suscitavam o imaginário das pessoas; nas moças o amor, a nostalgia, nos rapazes a possibilidade de um encontro, a moda. Todos queriam seguir os costumes que a sétima arte apresentava. Enfim, podia-se perceber a força que o cinema induzia na sociabilidade gaúcha. Além disso, o

cinema podia atingir um público maior, aproximar mais a sociedade dos valores urbanos e mundiais; enquanto que a literatura atingia apenas o público letrado.

A urbanização e rompimento com o modelo tradicional levaram a um novo “viver em sociedade” e assim, novos meios de lazer, a atração por estas inovações traz consigo novos valores e costumes sociais. O viver urbano era visto como um espetáculo, onde o cinema apresentava a população o glamour estrangeiro. Ou seja, os espaços de sociabilidade estavam diretamente ligados ao desenvolvimento da cidade e a modernização.

Foi com a chegada da eletricidade em Porto Alegre, ainda no início do século XX, que se tornou possível o desenvolvimento e concretização do cinema em Porto Alegre com as salas fixas. O cinema identificava-se com a modernidade, estando longe dos espaços do campo. A Rua da Praia pode ser considerada o “embrião” da atividade cinematográfica na nossa capital, principalmente por reunir grande parte da população e dos centros comerciais, todo o Centro foi importante na formação identitária dos porto-alegrenses. Ia-se ao Centro pelo simples fato de estar no centro, para se viver momentos de lazer e troca. Às vezes, ia-se ao cinema com o pretexto para passear pela rua e viver o *footing* com os demais cidadãos.

Footing na Rua da Praia



Fonte: Pesavento, 1996, p.103.

Cada processo de interação e troca é ao mesmo tempo um processo de socialização, onde os sujeitos transformam a sociedade e as relações interpessoais. Os indivíduos, sendo atores sociais, estão arraigados na vida social, levando consigo suas preferências, tradições, regras. Podemos ainda destacar aqui o pensamento de Maurice Agulhon, “o autor identificou o “caráter ou temperamento do povo tomado em conjunto” com a sociabilidade, pois considerava que a sociabilidade remetia para as realidades sociais relativamente verificáveis: encontros, grupos, vida aglomerada, etc.” (Müller, 2010, p. 37). Assim, para Agulhon as

peças se encontram não só para realizar alguma tarefa, mas sim, principalmente, para desfrutar a vida em grupo. Desse modo, a sociabilidade está ligada as condições políticas e socioeconômicas do cenário onde se encontra inserida.

A primeira exibição de cinema em Porto Alegre ocorre ainda no século XIX, sendo que, apenas um ano depois da primeira apresentação ocorrida ao mundo, na França pelos inventores do cinematógrafo, os irmãos Lumière. O cinema chegou a Porto Alegre através do viajante Georges Renoleau, com exibição do seu cinematógrafo no dia 8 de novembro de 1896, na Rua da Praia, número 230.

Durante alguns anos as sessões eram assim com cinematógrafos ambulantes trazidos. No início era uma grande curiosidade exibido em feiras, sensibilizando a todos, mas principalmente as classes populares. Aos poucos foi ganhando os olhos da elite, onde começam a surgir as grandes salas majestosas. Assim, a cidade de Porto Alegre vive não só um desenvolvimento físico e econômico, como também cultural, constituindo o cinema como um dos seus principais responsáveis.

Desde o princípio, o cinema passa a dominar o cenário artístico-cultural de Porto Alegre, gerando euforia na população e assim, algumas mudanças na sociedade em geral, desenvolvendo papel fundamental para definir a sociedade porto-alegrense. Por seu caráter popular, sendo mais acessível a todos, e por ser uma novidade o cinema passa a ter mais autonomia frente as outras diversões e apresentações artísticas. Chegou, até mesmo, a popularizar o Teatro São Pedro, reservado, até então à elite, agora com exibições do cinematógrafo e com preços próximos aos dos outros locais de exibição mais simples. Além disso, inicialmente, as sessões eram curtas de modo a atrair mais espectadores. Até mesmo os jornais aumentaram seu espaço dedicado às propagandas, reportagens e comentários sobre os filmes exibidos.

Por conta desta expansão, os cinematógrafos ambulantes foram sendo substituídos pelas salas fixas, onde as sessões cinematográficas eram a atração principal, podendo exibir filmes mais longos e em horários predeterminados; consolidando-se como a principal diversão, gerando certa crise no teatro. A primeira sala fixa ficou conhecida como Recreio Ideal, e é de 1908, com capacidade para 135 pessoas. Sendo uma das preferidas do público.

A luz elétrica possibilitou também o serviço dos bondes, fazendo com que as pessoas sentissem mais seguranças para saírem à noite. Assim, os horários dos bondes já se conciliavam com o horário do fim das sessões do cinema.

Outra curiosidade interessante deste período refere-se ao cinema Berlim, sendo o primeiro a se intitular de “cinema”, sendo que até então todos eram conhecidos como “centro de diversões”. Estes “centros de diversões” possuíam também elegantes salas de espera, que se tornaram espaços de socialização, “As pessoas se reuniam ali para verem e serem vistas, para encontrar amigos. Eram espaços seguros e resguardados da balbúrdia das ruas, lugares propícios a encontros, conversas e mexericos [...]”. As salas de espera eram também cobçadas pelos artistas, como pintores que podiam expor seus trabalhos pelas paredes da sala e músicos, mágicos que eram contratados para animar o público. Desse modo, as salas já ficavam localizadas perto de lojas e cafés, facilitando o *footing*.

É na década de 20 que ocorre uma consolidação efetiva. Tanto foi o sucesso que consolidou a chamada “Cinelândia” gaúcha – amontoado de salas localizadas principalmente na Rua da Praia e no Lago dos Medeiros. No final dos anos 20 o cinema já se tornava a principal diversão das famílias. Marcando o começo da “era de ouro” dos cinemas de rua.

“Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pelas quais os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses” (Simmel, 1983, p. 166), na qual esses interesses são a base das sociedades humanas. Lembrando ainda, Walter Benjamin, o qual nos diz que o próprio cinema é uma criação do coletivo. Ou seja, desenvolve a partir de trocas tanto para a produção, quanto para sua divulgação.

Com efeito, o cinema era um “*Happy Hour*” das décadas de 1940 e 1950, substituindo outros espaços de lazer, como os teatros, festas religiosas e feiras. Tornou-se assim, o centro social e artístico da cidade. Da sua arquitetura a cenários, tudo já era montando de modo a criar uma atmosfera de fantasia e diversão. A magia não estava apenas na tela, mas no ambiente, nas pessoas, nas conversas, seduzindo a todos, de crianças a adultos, surgindo filmes destinados a cada faixa etária.

Neste período, houve uma propagação de salas de cinema não só em Porto Alegre como em outras grandes cidades. Desse modo, uma cultura cinematográfica ia se

incorporando a cultura regional, tornando-se também um elemento formador deste espaço urbano, sendo um espetáculo jamais visto até então.

Alguns autores destacam os principais motivos para o sucesso do cinema, como a facilidade ao acesso, o custo baixo, e até mesmo a diversidade das obras, com relação ao teatro. O cinema possuía programação dupla, e ainda intervalos, nas salas de espera, que propiciavam as trocas de olhares, onde depois no “escurinho do cinema” era ainda mais favorável ao namoro. Tinha uma sessão as 3 horas da tarde e duas à noite, uma as 19h30 e outra as 21h30, que terminava antes do último bonde partir, que saía da Praça Quinze a meia-noite. “Estabelecia-se entre os espectadores e os cinemas um vínculo quase familiar”, comenta o jornalista Hiron Goidanich. (Goidanich in Gastal, 1999, p. 77).

Cinema Lotado



Fonte: Pesavento, 1996, p.87

Além disso, ele se tornava confiável através das censuras. O cinema já se tornava, nos anos quarenta, mais popular que as missas religiosas. Crianças, adolescentes e adultos lotavam as plateias nas matinês, principalmente, nas de domingo. Nos anos 40 e 50, segundo Zanella, vivia-se uma “espécie de febre cinematográfica”, sendo o apogeu do cinema na capital gaúcha. “Amor, ódio, tristeza, por vezes, só eram sentidos com sua intensidade mais pura e sincera nas salas de cinema, e não na vida real. [...] a magia era o escuro, *ficar fora da realidade por algum tempo, esquecer os problemas do dia-a-dia*” (Steyer, 2001, p.254 – grifos meus). Ainda, auxiliava na vida real, sendo palco de sociabilidade, com inícios de relacionamentos, e até com propostas indecorosas, consideradas imorais na época. Sendo natural o seu desenvolvimento, ocupando cada vez mais espaços físicos e do lazer, e facilitando a sociabilidade entre as pessoas.

Nas décadas de 1940 e 1950 havia mais de 1000 funcionários envolvidos com os cinemas, cerca de 50 salas, e 28 distribuidoras de filmes, gerando mais emprego do que atualmente, e ainda foram inauguradas cerca de mais 10 salas neste período. O que mostra a euforia que a cidade vivia, uma democratização do cinema, aumentando ainda mais quando por volta dos anos cinquenta instalaram novas salas em espaços mais distintos e até mesmo afastados do centro.

Assim, como a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra também auxiliou a expansão do cinema norte-americano e o enfraquecimento do europeu. Isto facilitou também uma expansão do cinema nacional e latino-americano, sendo transmitidos nas telas da capital dos gaúchos. Por sua vez, esse fato provocou ações nacionais e locais na criação de uma indústria cinematográfica nacional parecida com a norte-americana, surgindo companhias como *Vera Cruz* e *Horizontes Filmes*. Havia também, em Porto Alegre, representantes de companhias estrangeiras.

Na primeira metade de 1940 os filmes passados concentram-se assim em filmes hollywoodianos e documentários ou cine-jornais produzidos no Brasil, sobre festividades (como a Semana da Pátria) e tragédias (como a enchente de 1941), enfim fatos de interesse geral. Na segunda metade, já passam a criar curtas-metragens, realizados em cidades gaúchas como Capão da Canoa e Uruguaiana. A *Animatografia Films* desenvolveu os famosos curtas-metragens de desenho animado e um personagem real, como *Zé Carioca* cantando com as irmãs Carmen e Aurora Miranda.

No fim dos anos quarenta começa um ressurgimento dos filmes alemães, italianos, franceses, sendo filmes menos “fantasiosos” que os norte-americanos, mostrando uma realidade mais dura, sendo tratados assim, como “Cinema Arte”. Por volta de 1946 que se dá uma maior expansão do movimento cineclubista no Brasil e no mundo, principalmente por conta do fim da Segunda Guerra Mundial que leva a um sentimento de recomeço. Com efeito, é no final da década de 1940, 13 de abril de 1948, que é fundado o Clube de Cinema de Porto Alegre, um dos primeiros do Brasil, e o mais antigo em atividade.

Os cineclubes surgem por conta da valorização do cinema como uma forma de ver o mundo. Tanto que, em entrevista ao jornal *Folha da Tarde* o presidente do clube Paulo Gastal

buscou deixar claro que o objetivo do clube não era o simples culto aos artistas, mas sim “desenvolver estudos, defesa e divulgação da arte cinematográfica.”

O clube auxiliava na organização de mostras, palestras, sessões semanais que exibiam diversos filmes considerados por eles de bom nível, como o primeiro filme sonoro do alemão Fritz Lang “*M, o vampiro de Düsseldorf*” ou o argentino “*Seu Melhor Aluno*”. Assim, o propósito central do grupo era emanar a uma revisão de valores, norteando o público pelo bom caminho do cinema. As sessões eram restritas aos sócios do clube, mas as palestras e a mostras eram para o público em geral. As programações eram definidas conforme o vínculo dos seus membros com a comunidade e por informações que iam adquirindo.

Ainda hoje o Cine Clube de Porto Alegre realiza mostras de cinema. As sessões rotineiras do clube acontecem hoje em salas como as localizadas na Casa de Cultura Mario Quintana e a Sala Paulo F. Gastal, localizada na Usina do Gasômetro. Estas duas salas vem mantendo um papel cultural que até então era do cineclubismo. Mas no seu início não teve cinema que o clube não tenha feito uma sessão.

É na década de 50 que os cinemas de bairro passam a ter um público fiel e a lançar filmes, mostrando que possuíam a mesma importância social que os localizados no centro, o que nos mostra a relevância que esta rua possuía para a sociabilidade dos porto-alegrenses. No início da década de 1960 que esta fase intensa e idealista começa a decair, principalmente por conta da Ditadura Militar que se instaurava no Brasil. Assim, muitos dos participantes do cineclube - como o próprio presidente do clube, Paulo Fontoura Gastal - são acusados de comunistas, e suas atividades entram para o rol de atividades suspeitas.

Neste período, a Cinelândia de Porto Alegre começa a dar seus primeiros sinais de queda. Os cinemas de bairro e com preços menores que os localizados no centro, trazem algumas facilidades à população, que não precisa mais se deslocar para ter momentos de lazer. Entretanto, isso leva a crise dos cinemas majestosos do centro da cidade, já que a elite começa a abandonar este hábito. Neste período, o público principal é a classe média, que não se preocupava com o glamour, mas sim em se divertir e assistir um bom filme.

Com efeito, para manter seu público as salas do centro buscam melhorias tecnológicas, como uma tela maior e áudio melhor elaborado. Entretanto, são novidades que não passam

um encanto passageiro, ainda ocasionando o aumento dos preços do ingresso, além de, possuir poucos títulos disponíveis com estas inovações.

Conforme Susana Gastal, outro fator que levou a queda foi a Lei Antitruste, que impõe fim a integração entre produção, exibição e distribuição, afetando o cinema de forma internacional. Ou ainda, a pressão da indústria imobiliária que passa a exigir o banimento das salas de esperas, os espaços de maior sociabilidade, com as conversas e trocas de olhares, reduzindo fortemente o encanto do ir ao cinema.

“Eram prédios de imponência e personalidade. Em seus interiores desenvolveram-se atividade e interações de influências marcantes na vida social da comunidade. Foram referência imprescindível na fisionomia da cidade até a década de cinquenta [...]” quando começam a mostrar seus primeiros sinais de queda, sendo descaracterizados e fechados e/ou demolidos. (Todeschini in Becker, 1995, p. 16).

É em 1959 se inaugura a primeira emissora de televisão, a *TV Piratini*. “A televisão, equipamento cultural de uso privado, contrapõe-se a lógica pública que abrigava os cinemas”, no qual os cinemas de bairro foram os primeiros a sair perdendo (Goellner, 2011, p. 9). Era perceptível que o cinema vinha perdendo sua primazia cultural. Segundo Zanella, a pós-modernidade não é capaz de comportar os “cinemões”, até mesmo os shoppings já diminuiram bastante seu número de salas de exibição, e ainda pela degradação das áreas centrais e periféricas das cidades, levando a um sentimento de insegurança, gerando medo nas famílias, público-alvo até meados dos anos 1970.

Antes toda a família ia ao cinema, hoje em dia, o público principal são os jovens entre 14 e 30 anos. Atualmente é mais difícil um único filme agradar uma família inteira, e o encanto pelas salas e a sensação de fantasia diminuiram bastante. “O cinema tem sobrevivido graças à sua natureza como meio de comunicação e seu uso social por parte do público. As pessoas gostam de ir ao cinema”, pois ele oferece prazeres, experiências e práticas sócias diferentes que os demais espaços de lazer. (Turner, 1997, p. 34).

Percebe-se com isso, que os belos e antigos cinemas de calçada possuíam grande importância social na vida porto-alegrense, vinda a decair por conta de outros meios que também propiciam esses encontros e lazer.

O cinema e sua influência na sociedade

O cinema é um meio de comunicação de massa há mais de um século, sendo um intermediário para transformações sociais, artísticas e culturais. “Através do filme, revivemos o passado, percebemos novas nuances do presente, conhecemos outras culturas, capturados que estamos pelo efeito de realidade, ou seja, pela *sensação de estarmos diante da concretude do real*”. Percebe-se com isso que o cinema além de um espaço de diversão e sociabilidade, também nos propicia uma interação, uma sensibilidade com o filme exibido, estabelecendo influências entre filme e público. (Rossini in Pesavento, 2008, p. 129 – grifos meus).

Em depoimentos de cinéfilos participantes do Clube de Cinema de Porto Alegre, percebe-se essa relação de reciprocidade e até mesmo de saudosismo pelo passado. “O cinema me dava uma sensação incrível de liberdade. Mesmo após a sessão, o sentimento continuava. Passávamos horas e horas discutindo os filmes, que víamos e revíamos”. (Vares in Becker, 1995, p. 3). Com este relato nota-se que o cinema proporcionava assim, outros tipos de sensações e sociabilidades, em outros lugares além de seu próprio espaço, as salas de espera e de exibição, sendo que, até a calçada disponibilizava a interação. “A sociabilidade, se quiser, cria um mundo sociológico ideal, no qual o prazer de um indivíduo está intimamente ligado ao prazer dos outros.” Ou seja, a sociabilidade cria um mundo composto por pessoas que possuem o desejo de criar uma interação pura com os outros. (Simmel, 1983, p. 172).

A sétima arte se tornou um bem popular de consumo, se tornando presente na vida diária dos porto-alegrenses, os filmes eram tidos como exemplos a serem seguidos, se tornando componentes do cenário do cotidiano. Estando até hoje presentes em nossa vida. As décadas de 1940 e 1950 foram os anos de maior intensidade da influência cultural norte-americana no Brasil. Diversos foram os meios de comunicação que transmitiam a cultura do “american way of life”, recriando cenas do dia-a-dia, aonde o cinema ganhava destaque entre os divulgadores. Possuindo assim, grande importância na formação cultural das sociedades.

A entrada dos filmes estrangeiros permitiu ao público o conhecimento de novas ideologias e culturas. A importação de músicas, revistas em quadrinhos e filmes dos Estados Unidos não parava de crescer desde os anos trinta, mas principalmente nos anos posteriores. Novos comportamentos eram adquiridos, tanto na moda, quanto nos trejeitos, bebe-se Coca-

Cola, ouve-se rock and roll, fuma-se Hollywood, veste-se jeans, vai-se ao Mc'Donalds, assiste-se filmes de Cowboys, entre outros. Como diz Júlia Alves, “qualquer estrangeiro recém-chegado no Brasil, por exemplo, perceberia claramente nossa condição de colônia cultural dos Estados Unidos” (Alves, 1988, p. 41).

Surgem também, os espaços à “moda americana”, através de revistas ilustrativas com artigos dedicados as leitoras, com seções femininas como “segredos de beleza”, culinária e moda. As mulheres no Brasil passaram a imitar as grandes estrelas de cinema, “maquiando-se como Greta Garbo, Joan Crawford e Bette Davis e modelando seus corpos segundo o padrão de beleza ditado pelo concurso *Miss Universe*.” (Alves, 1988, p. 41). Até os homens entraram nesse clima buscando roupas parecidas como as de Clark Gable, Cary Grant e outros; como também as crianças que brincavam de mocinho e banido, retratando os filmes de *Cowboys*.

Muitos são os termos que ainda utilizamos em nosso cotidiano vindos dos Estados Unidos, como: Ok, short, close-up, big, milk shake, baby, show, free-lancer, entre outros. “O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo o papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana”. (Benjamin, p. 177).

Em termos de produção, segundo Renato Ortiz, “entre 1935 e 1949, haviam sido produzidos apenas seis longa-metragens; entre 1951-9, tem uma de 27 filmes por ano”. (Ortiz, 2001, p.192). Porém, mesmo assim, o cinema nacional teve grande dificuldade em se manter, diante da forte concorrência estrangeira, principalmente pelo pouco incentivo do governo. O Estado tinha noção sobre o poder dos meios de comunicação, buscando utiliza-los como “armas políticas”.

Nos anos cinquenta, assim como na indústria cinematográfica, há uma expansão na produção no mercado editorial. Desse modo, surgiram muitos periódicos dedicados ao público femininos, como também revistas cinematográficas. Como as revistas: *Filmelândia*, *Cena Muda*, *Cine-Revista*, entre outras. Em Porto Alegre a principal revista que buscava, conforme se caracterizavam, um jornalismo cultural, era a *Revista do Globo*, possuindo o subtítulo “Periódico de Cultura e Vida Social”. Foi uma revista ilustrativa que circulou na cidade entre 5 de janeiro de 1929 à 17 de fevereiro de 1967, sendo de publicação semanal, se tornou a vitrine dos produtos da disponíveis na época. A fascinação e admiração pelo mundo

do cinema eram tanta, que até essa principal revista da capital gaúcha destinou grande espaço de suas páginas a publicações sobre a sétima arte.

A parte dedicada ao cinema na maioria das edições da *Revista do Globo* se dividia em duas : “Cine-Mundial”, esta era dedicada principalmente a apresentar estrelas de cinema e cineastas. A outra era chamada de “Cine-Globo”, a qual trazia distintas reportagens sobre o mundo do cinema. A moda, estilo e trejeitos das estrelas de cinema também divulgados na revista, não só através das reportagens como também com propagandas de produtos utilizados pelas estrelas, estimulando o público a adquiri-lo para ficar bela como uma artista do cinema.

A moda é um mecanismo social, sendo uma forma de interação com o mundo, e uma forma expressão pessoal, tornando-se um meio de comunicação com os outros. Assim, constantes eram as propagandas que se utilizavam das estrelas de cinema para divulgar um produto, como principalmente da marca Eucalol, que utiliza foto de atrizes, seguida do comentário: *“trate sua pele como Eva Todor (entre outras), experimentou... comparou... e escolheu o superior Sabonete Eucalol”*.

Podemos destacar outro importante periódico que passou a tratar também do cinema. De um modo geral os jornais passaram de um jornalismo de opinião para um jornalismo informativo, expandindo o espaço dedicado aos eventos do cotidiano. Em Porto Alegre, destacamos o jornal *Correio do Povo*, que como já citado, cobria grande espaço ao mundo cinematográfico. No qual até mesmo diretores do Clube de Cinema, eram escritores do jornal. O *Correio do Povo* pode ser considerado o principal jornal do período estudado, sendo nele retratado a divulgação de muitos filmes, reportagens relacionadas. Assim, publicava anúncios sobre as distribuidoras e salas de cinema, como também artigos e crônicas relacionados com curiosidades e informações sobre artista e filmes.

Assinando como P. F. Gastal, Paulo Fontoura Gastal, escreve para a parte de artes deste jornal, dando destaque para o cinema. Com efeito, dedicava maior atenção ainda aos filmes que ele mais prestigiava, fazendo comentários mais encorpados, com mais detalhe e paixão, cativando assim, o publico leitor. Desse modo, foi o criador da seção de cinema no jornal.

Além disso, muitos são os escritores gaúchos que são cinéfilos, amantes desta arte como Paulo Gastal. Desse modo, as salas de cinema e os filmes são constantemente usados

como espaços, cenários e artifícios na literatura do Rio Grande do Sul. O que nos leva a perceber com isso a importância e alcance que o cinema possuía para a população porto-alegrense no seu auge, fazendo parte até da literatura.

Em entrevistas concedidas a escritores que estudaram o cinema como um espaço patrimonial, percebe-se claramente nos relatos a nostalgia e a relevância que a população dá aos antigos cinemas, nos quais muitos pareciam sentir-se mais perto da própria cidade. Em entrevista Briane Bicca, mostra sua sensibilidade ao lembrar de um passado, onde se vivia em um mundo mais fantasioso: “Lembro ainda, muito vagamente, o cinema Coliseu, do qual meu pai era um grande freqüentador. *Relações de amizade, de grupo, minhas melhores lembranças!* As grandes recordações de infância e juventude estão nos cinemas, pois o grande programa era ir ao cinema”. Assim, o cinema se mostrava como um transformador social, que aprimorava as relações humanas. (Entrevista de Briane Bicca concedida a Cristiano Zanella, 2006, p. 165 – grifos meus).

Desde seu surgimento o cinema já recebia espaço nos jornais, principalmente, na parte dedicada a apresentação das diversões disponíveis. José Seadi, um distribuidor de filmes que trabalhou em diversas companhias, explica a relação entre as distribuidoras, o clube de cinema e os jornais, mostrando, como os filmes faziam parte do dia-a-dia, já que os próprios jornais divulgavam uma crítica dos filmes que seriam lançados.

O jornal forte que existia aqui era o Correio do Povo e a Folha da Tarde, nesses jornais trabalhava praticamente a diretoria do Clube de Cinema. Era tudo englobado. Então, o que as companhias bolavam, “vamos dar de graça pro Clube de Cinema, além de incentivar um Clube de Cinema, que é interessante, nós vamos também proporcionar aqueles jornalistas que assistam antes o filme, já façam a sua crítica antes do filme entrar, que é uma coisa boa.” (Depoimento de José Seadi a jornalista Fatimarlei Lunardelli, 2000, p.66).

Um saudosismo do passado porto-alegrense é sentido, também, nas crônicas de escritores gaúchos que escrevem sobre a capital gaúcha. Crônicas são segundo Luiz Augusto Fischer, “a cara da cidade”, com narrativas curtas que se tornaram populares desde o Brasil Imperial, com textos urbanos, voltados para o cotidiano, possuindo intimidade com o leitor. Além disso, é um gênero literário acessível a um público sem maior formação. Estando

também ligada a construção histórica, a descrição da crônica é próxima aos fatos observados, sendo uma reflexão de seu autor.

Nota-se assim, uma sensibilidade em todos depoimentos e crônicas ao relatar o passado. “Essa sensibilidade do ‘ver’, do ‘refletir’ é construída em diferentes lugares, busca no passado elementos de ancoragem que possibilitam nossa compreensão do presente”. Assim, para muitos hoje não há mais a famosa movimentação na Rua da Praia à noite, afirmando o motivo ser os altos aluguéis e insegurança sofridos pela população. Pode-se dizer que “Este ressurgimento do passado se propicia pela combinação de uma experiência, ou pela renovação da sensibilidade do vivido”. Busca-se nas memórias uma sensação, uma representação de um tempo e espaço distantes, ou seja, almeja-se uma “presentificação de um ausente”, formado através de uma imagem mental, mesmo que não corresponda a realidade efetiva. (Pesavento, 1995, p. 286).

Os encontros e reuniões, elementos formadores de vida urbana de outrora, hoje já não são mais essenciais na vida dos indivíduos. Pois, hoje há uma aceleração da vida, e ainda, através das novas tecnologias, há maiores possibilidades de lazer dentro da própria residência dos indivíduos, ou ainda por conta de uma insegurança que as pessoas sentem ao sair para a rua, se tornam escassos os maiores momentos de encontros. Ou seja, o uso do tempo e do espaço se torna abreviado. Desse modo, o Centro, muitas vezes, torna-se um lugar de passagem, os espaços de sociabilidade sofrem transformações, onde quase tudo é privatizado.

As renovações ocorridas em Porto Alegre por conta da busca por uma metropolização - que possuía como padrão grandes cidades como Paris, Londres e Nova Iorque -, provocou distintas sensações naqueles que viveram este momento. Havia a euforia de progresso, uma cidade moderna com novas exigências morais e estéticas, mesmo que estas transformações não correspondessem as “cidades modelos”. Ou seja, muitos porto-alegrenses viam sua cidade como uma grande metrópole, denotando-a desse modo em revistas, jornais, depoimentos e crônicas. Formaram um imaginário e representações coletivos de cidade moderna; as novas ruas, os espaços de lazer constituíam a modernização desejada. “Poderíamos talvez dizer que Porto Alegre se sentia metrópole sem o ser realmente”. Com efeito, os porto-alegrenses “fizeram a sua cidade”, com os seus significados e maneiras que a perceberam, tornando o passado glorificado e desejado e um presente não tão promissor, no qual, a própria

modernização tão almejada torna-se prejudicial, pois trouxe consigo novas lógicas sociais. (Pesavento, 1995, p. 282).

Além disso, por mais que qualquer patrimônio seja preservado, os seus espaços se alteram, as vezes apenas na forma, mas em outras, também em significados, modificando também a percepção de seus habitantes. Isto se pode dizer, ocorreu com os famosos cinemas de calçada e o Centro de Porto Alegre. Pois, a complexidade da vida e as diversas interferências urbanas, descaracterizam, e até mesmo degradam a cidade. No centro da capital gaúcha a própria Rua da Praia se transformou, mesmo ainda havendo a movimentação de pessoas, e a preservação de alguns prédios, muitos deles deram lugar a outros usos. Os antigos cinemas se tornaram bancos ou igrejas, não existindo a mesma sociabilidade dos cinemas de calçada.

Assim, o espaço e tempo dos cinemas também foram sendo transformados. Onde anteriormente, era uma atividade lúdica de lazer, se torna, muitas vezes, uma atividade dentro da ótica capitalista, possuindo hoje, preços altíssimos, e ainda, a maioria dos cinemas, encontra-se localizados dentro de shoppings centers, que recriam a seu modo a função dos antigos centros urbanos. Porto Alegre ainda busca manter aspectos voltados para a cultura urbana, com construções como a Casa de Cultura Mario Quintana com um conteúdo ideológico que talvez almeja reviver o famoso *footing* da Rua da Praia. Assim, é interessante destacar também, a colocação do escritor Moacyr Scliar em uma reportagem escrita para o jornal Zero Hora, “não devemos chorar pelo Baltimore; cidades são dinâmicas, cidades crescem e mudam, prédios são demolidos e construídos.”, ou seja, todas as décadas, épocas, possuem seus momentos bons e ruins (Scliar apud Maroneze, 2007, p. 219). Porquanto as cidades e as pessoas mudam, modificando também as visões em relação ao presente, passado e futuro.

Desse modo, pensar a cidade hoje, é um desafio. Devendo integrar novas dimensões e perspectivas, captando a pluralidade de sentidos e resgatando significados. Pois, com a modernização foi possível o desenvolvimento de novas formas de estar junto, com mudanças nas sensibilidades, causadas pelos processos de urbanização e seus novos cenários de comunicação. O Centro já não é mais o único espaço agregador dos espaços do comércio e das sociabilidades, sendo natural a passagem do cinema para os Shoppings Centers.

Entretanto, é importante destacar que, mesmo com as belas e saudosas salas de cinema de calçada fechadas e o alto preço dos cinemas de Shoppings, o cinema como um “ritual do coletivo” se mantém. E em uma época foi para a sociedade porto-alegrense um espaço privilegiado de interação e circulação da vida cotidiana, proporcionando sociabilidade nos seus espaços que auxiliavam na formação de novos encontros das distintas classes sociais.

Atualmente se produz e se assiste mais filmes do que no passado, justamente por conta do aumento das formas de mídias tecnológicas, que atingem diversos espaços culturais, geográficos e econômicos. As pessoas podem não ter vivenciado aquele momento do assistir o filme juntas, mas vivenciaram a mesma experiência do assistir o filme. Enfim, a modernização foi trazendo novos meios de sociabilidade, construindo outras possibilidades de intercâmbios culturais e de identidades. Sendo que, a percepção de cidade boa ou ruim, tranqüila ou insegura dependerá dos consumidores destes espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo:Moderna, 1988.

AXT, Gunter (coord.). **Cine-Theatro Capitólio: um olhar em transformação**. Porto Alegre: Fundacine, 2007.

BECKER, Tuio (Org.). **Cinema no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BISSÓN, Carlos Augusto (Org.). **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Universidade, 1993.

CESAR, Guilermino. **O Teatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Secretaria Educação e Cultura, 1975.

GASTAL, Paulo Fontoura; BECKER, Tuio (Org.). **Cadernos de cinema de P. F. Gastal**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996.

GASTAL, Suzana. **Salas de cinema: cenários porto-alegrenses**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1999.

GOELLNER, René; RECHENBER, Fernanda; CAPARELLI, Sérgio. **As telas da cidade: a trajetória das salas de cinema em Porto Alegre.** Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/429>>. Acesso em: 15 set. 2011.

LUNARDELLI, Fatimarlei. O cineclubismo em Porto Alegre. In: BECKER, Tuio (Org.). **Cinema no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

_____. **Quando éramos jovens: história do clube do cinema de Porto Alegre.** Porto Alegre: Universidade, 2000.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas.** 2007. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2007.

MENEZES, Nara. **Memória visual de Porto Alegre: 1880-1960: acervo de imagens Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.** Porto Alegre: MUSECOM, 2007.

MÜLLER, Dalila. **Feliz a população que tantas diversões goza: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870).** 2000. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Programa de Pós-graduação em História. São Leopoldo, 2010.

ORTIZ, Renato. Sociedade e Cultura. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio (Orgs.). **Brasil: um século de transformações.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 184-209.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O espetáculo da rua.** 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

_____. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Revista Estudos Históricos**, p. 279-290, jul./dez. 1995.

_____. (Coord.). **Memória Porto Alegre: espaços e vivências.** Porto Alegre: UFRGS, 1991.

_____. (Org.). **Sensibilidades e sociabilidades: perspectivas de pesquisa.** Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2008.

_____.; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural.** Porto Alegre: Asterisco, 2008.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. **O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo - 1850/1930.** Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

RUSCHEL. , Nilo. **Rua da Praia.** [s.L.]: [s.N.], 1971.

SANTOS, Jocyléia; OLIVEIRA, Maria de Fátima Oliveira. Sensibilidades e sociabilidades no ensino de História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Sensibilidades e sociabilidades: perspectivas de pesquisa**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2008. p. 145.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SOUZA, Célia Ferraz de. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

STEYER, Fábio Augusto. **Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre: 1896-1930**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. **O cinema em Porto Alegre-RS: (1896-1920)**. 2. ed. Porto Alegre: [S.n.], 1999.

TRUSZ, Aline Dubina. **Entre as lanternas mágicas e cinematográficas: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre (1861-1908)**. Porto Alegre: Terceiro Nome, 2010.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. **Revista Estudos Históricos**, p. 227-234, jul./dez. 1995.

ZANELLA, Cristiano. **The end: cinemas de calçada em Porto Alegre (1990-2005)**. Porto Alegre: Idéias a Granel, 2006.